

fonte: Jornal do Brasil class.: 191
data: 15/11/94 pg.: 15

Ladrão de mogno roubado

■ Ecologista faz campanha contra lojas britânicas

NELSON FRANCO JOBIM
Correspondente

LONDRES — Duas redes de lojas britânicas que vendem artigos fabricados com mogno do Brasil estão sujeitas a sofrer “furtos ecológicamente corretos”. A iniciativa da Organização para Recuperar a Propriedade Roubada de Povos Indígenas pretende alertar para a contribuição da Grã-Bretanha, segundo maior importador de madeira da América Latina, depois dos Estados Unidos, na destruição da Floresta Amazônica. Para evitar problemas com a Justiça, os *ecoladões* prometem entregar as peças roubadas à Polícia.

Os alvos são as empresas Jewsons e Lathams, que têm mais de 200 lojas que vendem artigos de madeira e materiais de construção. Elas são acusa-

das de comprar mogno contrabandeado da Amazônia. A organização não-governamental pretende usar as peças como prova da importação ilegal para pedir à Procuradoria Geral que instaure processo contra as lojas e os contrabandistas.

Vinte grupos ecologistas devem participar da ação, realizada no momento da reunião anual da Convenção sobre Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas, na Flórida, onde a Holanda está propondo a inclusão do mogno na lista de espécies ameaçadas, ao lado de animais como o tigre e o elefante.

Para a coordenadora da campanha de “furtos éticos”, Sue Pollard, várias empresas britânicas fingem ignorar o contrabando de madeiras da Amazônia e suas conseqüências: “Há uma obrigação moral de parar com este comércio que está destruindo a vida e as culturas da floresta tropical”.

O “furto ecológicamente cor-

reto” foi usado no ano passado contra a Harrods, a mais famosa loja de departamentos de Londres, de onde foram roubadas 12 peças feitas em mogno brasileiro, inclusive uma mesa consolo. Estas peças foram entregues à Polícia, mas não foi aberto nenhum inquérito sobre contrabando de madeira.

A Federação do Comércio de Madeira denunciou o “furto ético” como uma violação legal decidida por “um grupo não-eleito, sem representatividade. É um caminho perigoso rumo a uma sociedade anárquica e violenta”. Michael James, portavoz da federação, acrescentou que os seus associados só importam madeira com certificado do governo brasileiro de que foi extraída legalmente.

Amanda Burton, secretária das lojas Jewsons, disse que a empresa propôs a abertura de diálogo, mas não obteve resposta. Os ecologistas alegam que 80% do mogno da Amazônia são derrubados ilegalmente.